

Quando a morte chega em casa

TÉRESA VERA DE SOUSA GOUVÊA
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU



QUANDO A MORTE CHEGA EM CASA
Copyright © 2022 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Edição: **Janaína Marcoantonio**
Revisão: **Raquel Gomes**
Capa: **Alberto Mateus**
Diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	7
<i>Maria Julia Kovács</i>	
Apresentação	13
<i>Teresa Vera de Sousa Gouvêa e Karina Okajima Fukumitsu</i>	
A chegada da morte e seus desassossegos	15
<i>Teresa Vera de Sousa Gouvêa</i>	
Um dedo de prosa com a morte vira braço que busca o abraço . 23	
<i>Karina Okajima Fukumitsu</i>	
Pequeno poema de dor	33
<i>Maria das Graças Mota Cruz de Assis Figueiredo</i>	
Como aprender a dizer adeus.	39
<i>Miguel Angelo Boarati</i>	
O Doutor.	45
<i>Ana Lucia Coradazzi</i>	
A vida nas suas miudezas	51
<i>Rafael Stein</i>	
Naquela mesa	57
<i>Maria Júlia Paes da Silva</i>	

A vida em cada morte que vivi	67
<i>Mariana Ferrão</i>	
Vida: dançando com a morte	75
<i>Plínio Cutait</i>	
A casa vazia	85
<i>Michelle Bittencourt Braga</i>	
As três mortes da minha vida	91
<i>Tom Almeida</i>	
Uma companheira, muitas histórias...	99
<i>Juliana Martins de Mattos Gonnelli</i>	
Para levar a vida bem há de se levar a morte também	107
<i>Ricardo Gonzalez</i>	

Prefácio

Em pleno século 21, a morte ainda é tabu, desconhecida, estrangeira. Mas também é doméstica, familiar e reconhecida. É aquela que convive conosco em nossa casa; com a qual nos comunicamos com certa intimidade.

A morte, quando chega, desestabiliza um mundo conhecido e familiar. Pode invadir o ambiente ou chegar devagarzinho, pedindo licença. Seja como for, virá — e, mesmo que não seja convidada, virá como penetra. Pode ser esperada e acalentada, quando a doença é longa, com sofrimento; nesse caso, por vezes será vista como um anjo que nos levará nos braços. Ou pode ser escancarada, quando ocorre um acidente, homicídio ou suicídio, assombrando as pessoas próximas; nesse caso, irrompe e causa desconforto, desespero, desesperança, desamparo.

São tantas as formas de morte, e cada experiência vivida é singular. É o que vamos ler nesta obra, em que os autores, profissionais de saúde e de outras áreas, dividem conosco, de corpo e alma, suas histórias. São relatos da perda de pessoas que deixaram marcas na vida dos escritores, promovendo a construção do sentido em sua existência. Essa construção tão importante na elaboração do luto é compartilhada conosco não para ser copiada, mas para despertar emoções e trazer reflexão. Nessa perspectiva, o livro pode ser considerado didático; a aprendizagem é significativa.

Não se trata de um livro didático convencional, mas de uma obra em que imperam sensibilidade e profundidade. Poderiam ser conversas ao pé da lareira, na cozinha, na sala, no jardim. Os relatos nos sensibilizam porque são muito parecidos com o que vivemos. Temos

a impressão de estar lendo um romance, mas não se trata de ficção: é a realidade de quem nos conta a trama e o drama com lirismo.

Há mortes lentas, em que se morre um pouco a cada dia; outras são rápidas. Há mortes invertidas, com jovens morrendo antes dos idosos, causando impacto, tornando mais difícil encontrar explicações. Será que mortes devem ser explicadas? Como dizer que a morte de um velho impacta menos, sabendo que morrer faz parte do existir humano? Sabemos que a dor dói em quem a sente; não conseguimos medir a intensidade da dor, sobretudo quando envolve nosso filho, pai ou avô. É com esse coração aberto que devemos ler as histórias aqui narradas. Cada relato apresenta uma trajetória cheia de tonalidades. A morte deixa lembranças e saudade. Esta última, palavra tão brasileira, carrega um sentimento que embala o coração com as memórias do que se viveu com a pessoa falecida.

A morte parece ser um elemento distante, até que vai se aproximando e se torna presente. Tem várias representações: o carrasco, algoz que com sua foice interrompe uma vida, a velha desdentada que com o hálito fétido indica a sua presença. Mas pode ser também uma figura angelical e bela que seduz e conduz a pessoa a um lugar de tranquilidade, uma personagem maternal que acolhe em seus braços acenando com conforto e repouso.

A morte ainda é vista como tabu, do qual não se deve falar para não criar sofrimento ou constrangimento. Este livro provoca uma ruptura nesse tabu ao trazer histórias de morte em primeira pessoa. Numa época em que a sociedade interdita a morte e as emoções, falar do assunto com sensibilidade e afeto é importante tanto da perspectiva teórica quanto didática. Daí a relevância dos textos, que estimulam o contato com nossos sentimentos. Não é um livro para fracos, mas para corajosos que se abrem à sensibilidade. Os capítulos falam de empatia, compaixão e solidariedade, de como a morte tingiu a vida dos articulistas, ampliou sua existência, aprofundou relacionamentos.

Há também relatos sobre os últimos momentos vividos com a pessoa querida, os pequenos gestos antes da morte, a oferta de conforto,

as últimas palavras, as despedidas que marcarão as memórias, colorindo as saudades. Profissionais cuidam segundo seus conhecimentos; familiares e amigos também, mas com o conhecimento da vida dos seus entes queridos, seus desejos e vontades. Esses cuidados são muito importantes porque ajudam no processo de luto posterior, trazendo a sensação de que se fez o melhor para a pessoa querida no final de sua vida.

A morte não é uma derrota, nem da pessoa no final da vida, nem do profissional que cuida. A tecnologia e os procedimentos sofisticados podem levar à perda da noção de que ela faz parte da existência. A distanásia muitas vezes se faz presente, prolongando o processo de morte com sofrimento, uma não aceitação de que ela já se instalou, como indica a falência de órgãos. Não é dessa morte que se fala neste livro, e sim daquela que nos habita e conta com a participação das pessoas queridas no processo.

Para alguns profissionais, os estudos sobre a morte são uma forma de controle sobre o que ainda não conhecem. Uma busca legítima pode se tornar um problema se gerar onipotência, uma sanha de salvar vidas, proposta ainda presente em vários programas de formação. Não é o que se vai encontrar neste livro, em que os profissionais se desvestem do saber técnico e trazem suas dúvidas e questionamentos sobre como cuidar melhor de suas pessoas queridas. Confirmam que muito aprenderam com a perda de seus familiares e pacientes.

A morte está entre nós desde a infância, quando ocorrem as primeiras experiências de perda, que marcam profundamente a vida das crianças e são acionadas em situações de perda e luto. Seus atributos, irreversibilidade e universalidade, são aprendidos a partir da experiência. Perguntamo-nos: como ainda prevalece um discurso de que profissionais de saúde não se sentem preparados para lidar com a aproximação da morte de seus pacientes? O que acontece na trajetória de profissionais de saúde para que desaprendam o que já sabiam desde crianças? Elizabeth Kübler-Ross nos diz: não se trata de controlar a morte e sim de aprender com ela.

Há a ilusão de que um dia chegaremos à imortalidade, um desejo mágico de que superaremos a morte ao tomar uma poção, uma medicação, um tratamento. Ouvimos notícias de pessoas que investem fortunas imensas para garantir a sobrevivência eterna. Porém, que imortalidade queremos? Imaginamos que será a juventude eterna e não a velhice para sempre, com todas as suas doenças e limitações. Uma vez imortais, nunca morreremos, e o sofrimento se prolongará eternamente.

A pandemia de Covid-19 desalojou a morte, tirou-a da casa, do conforto, na contramão do que está expresso neste livro. Tornou-se estrangeira: ocorre na UTI, em que se luta bravamente contra ela, com tratamentos intensivos; longe das varandas, das salas ou dos jardins. A Covid é uma doença sistêmica da qual ainda não se conhecem os tentáculos. Muitas mortes acabam ocorrendo em local frio, estranho, com ruídos intensos, apesar dos esforços hercúleos dos profissionais envolvidos. Família e amigos mal conseguem se despedir, velar e cuidar de seus entes queridos. Há tentativas frenéticas de tratar, salvar e recuperar. As 614 mil pessoas que morreram no Brasil até 29 de novembro de 2021 (colocamos a data porque os números crescem a cada dia) sofreram e não puderam ter o conforto caseiro, a presença das pessoas queridas, e boa parte delas não recebeu cuidados psicossociais nem teve os ritos funerários que os familiares promovem para homenagear seus mortos. A falta de tais rituais, o isolamento, a ausência de familiares e amigos nos hospitais, nos velórios e nos enterros repercutem no processo de luto, provocando sofrimento, com risco de adoecimento e dificuldade de readaptação à vida sem a pessoa querida.

Aprendemos com as mortes que vivemos, que vão constituindo nosso repertório para lidar com situações adversas, principalmente com a que é a mais impactante em nossa vida: a perda de pessoas queridas. Aprendemos também compartilhando reflexões com aqueles que nos falam de sua experiência com sabedoria e arte, como neste livro.

Parabéns, Teresa Vera Gouvêa e Karina Okajima Fukumitsu, que organizaram este livro, escreveram relatos e convidaram outros escritores. Convido a todos a apreciar a obra com o coração aberto, e tenho certeza de que ficarão sensibilizados com a leitura. Trata-se de um livro didático e lírico, que poderá ser apreciado com a mente e o coração. Sem dúvida, integrará a bibliografia indicada para os estudos sobre a morte e o morrer.

MARIA JULIA KOVÁCS

Professora livre-docente do Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo

Apresentação

Teresa Vera de Sousa Gouvêa e Karina Okajima Fukumitsu

A morte chega em casa com roupas diversas. Pode chegar quietinha e, lentamente, se acomodar na sala, sentar-se à mesa e, sem que a gente perceba, se ajeitar nas cobertas da cama. Nessa despedida, quem amamos vai indo embora aos poucos; primeiro desconhece os cômodos da casa, depois as memórias se confundem e, finalmente, não saberá quem somos... Ela pode, também, chegar rapidamente; uma mensagem ou uma ligação e o mundo da gente muda, some quem estava ali ontem, voa – na velocidade da luz, vai morar em lugares que nossos olhos não alcançam. Independentemente das vestes dessa senhora, precisamos que o amor fique, que a história permaneça, achando jeitos de enganar as despedidas.

Este livro fala do dia em que a morte chega em casa e carrega a voz, o olhar, os passos e o cheiro para outras paragens. Ele aborda despedidas, lentas e velozes, fala de saudade e do amor que ficam para sempre.

Os capítulos são recortes de histórias vivenciadas pelos autores, narrativas de experiências que viveram, em algum momento da vida, com a chegada da morte, seja nos cômodos de casa ou como profissionais de saúde que lidam com essa realidade diariamente. Nosso desejo foi trazer relatos que aproximassem os leitores, em algum momento, de cenas já conhecidas, percorridas nas travessias de vida e morte. Desejamos que as histórias sejam um lugar de conforto e pertencimento.

Esta obra chegou de forma suave pelo convite carinhoso de Teresa Gouvêa para que organizássemos um livro que lançasse luz no momento sombrio que é precipitado quando a morte chega em casa.

Bom seria se ela chegasse como foi o enlace desta parceria: de forma organizada, para que pensássemos conjunta e cuidadosamente a maneira como conduziríamos esta trajetória. Mas, infelizmente, com a morte não é bem assim, pois quando ela surge não nos dá tempo para refletir sobre os novos rumos da vida. Normalmente, ficamos sem chão, pois o prumo do conhecido e do conhecimento que tínhamos parte com aquele que morreu. A parceria entre nós e a pessoa amada se apresenta desequilibrada, e a ausência presente e a presença ausente se anunciam e ficam por muito tempo nos rondando...

É estranheza que a morte provoca. É território fragmentado que temos de percorrer. É trilha sem destino que se desnuda e nos coloca em estado de sofrimento, dor e ceticismo diante do difícil ato de enfrentá-la. Aliás, enfrentamento é ação que fica comprometida, pois a promessa do comprometimento, daquilo que *prometemos com*, se vai quando a morte chega em casa e em nossa morada existencial.

A chegada da morte e seus desassossegos

Teresa Vera de Sousa Gouvêa

Ela não tem dia, desrespeita horários, chega durante o sono, o café da manhã, um vestibular ou um namoro. As falas sobre a sua chegada sempre são muito parecidas; no amor imenso que temos pelos habitantes do nosso coração, esperamos notícias, feito combinação de um café, de um almoço ou da hora de dormir. Notícias não há, ela pouco se importa com o que pensamos; mas nos conta, no silêncio ou no barulho, sobre a certeza de estarmos em uma travessia, com chegadas e partidas.

Eu e meu pai estamos no mar, ele me segura, essa cena vai e volta. Conheci o mar quando tinha uns 9 anos, meu pai ficou comigo nesse lugar, ele, um misto de pai e criança, era assim que ele era, é assim que ele fica.

Anne acenando do carro, com uma flor no cabelo e um vestido rosa, silenciosa e doce, assim ela era, assim ela fica.

Das várias mortes que passaram por minha vida, essas duas em especial me marcaram. Meu pai, pelas nossas parecenças, pelo acolhimento que me foi oferecido em vida, por ter inaugurado meu olhar neste mundo através dele e de minha mãe. Anne, única filha de minha cunhada, pela doçura, pela interrupção do que tinha para viver, pelos inacabados.

Meu pai, um homem silencioso para as coisas em que não sabia colocar nome, aquelas com que a gente não sabe bem como lidar. Quando discordava, sorria e silenciava. Noutras vezes, não queria conversa.

Ele conheceu o pai aos 18 anos, possivelmente o lugar de nascimento de suas quietudes; a partir dali uma convivência tímida, mas afetuosa. Seu pedido, repetido tantas e tantas vezes, ser enterrado com o pai; afinal, dizia, ele estava só e não queria que fosse assim. Nesse pedido, o ajuntamento em morte do que foi impedido em vida. Nesse pedido, o amor, a falta e o perdão.

No silêncio moravam suas escolhas, mas o acolhimento aparecia no afago no cabelo enquanto proseava, sim, prosear era seu lugar de vida, depois de minha mãe, por quem nutria um amor precisado e imenso. Eu me chamo Teresa em nome desse amor, mesmo nome de minha mãe.

Meu pai, um dia qualquer, porque as coisas acontecem num dia qualquer, há poucos anos, apresentou tremor em uma das mãos. Iniciava aí seu luto pelo que viria, escondia a mão, segurava, tentando impedir o que não se impede, a vida se despedindo da vida lentamente. A ida ao médico adiada e adiada, como se, desconhecendo, pudessem retardar.

Após o diagnóstico, Parkinson e Alzheimer, seguiu, sem compreender muito bem o que viria. Os dias passaram, o mundo rodando independentemente dos medos de meu pai, ele não falava sobre eles, talvez doessem tanto que não podia se chegar. Me lembro um dia em que me chamou apressado para ver alguém na rua (morava em uma cidade pequena, onde todos se conhecem pelo nome), assustado com a lentidão e o amparo do passante ao caminhar, me disse que ele tinha Parkinson. Essa foi a única vez em que me falou do seu medo, do nosso medo.

Devagar foi esquecendo das coisas, o valor das notas, as contas (ele, comerciante, sempre foi bom nisso). O tempo passando, parou de dirigir, outro grande luto, talvez o mais sofrido de todos; nessa escolha, sabia o que estava fazendo e o porquê, mesmo sem falar.

Os esquecimentos tornaram-se mais frequentes, eram como intervalos numa cena principal. Morava numa casa pequena, saía do quarto e perguntava do banheiro. Ia à cozinha e perguntava quem